

PAULO ANDRÉ BAGGIO

O SURFE E A BUSCA POR EMOÇÕES

**CURITIBA
2005**

PAULO ANDRÉ BAGGIO

O SURFE E A BUSCA POR EMOÇÕES

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.^o Ms. Kátia B. Marchi

**CURITIBA
2005**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela natureza e pelas pessoas que colocou no meu caminho.

Agradeço a meus pais, Mauri e Sueli, pelo carinho, pelo amor e por tudo que fizeram por mim.

Agradeço a minha namorada Adriane, pelo apoio e compreensão.

Agradeço a todos os meus amigos, que sempre estiveram presentes nos momentos difíceis e alegres.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíam para que eu concluísse a Licenciatura em Educação Física.

RESUMO

O surfe é uma prática muito antiga, ninguém sabe ao certo aonde, quando e como o ato de deslizar sobre uma onda deixou de ser uma forma de chegar mais rápido até a praia, quando os navegantes retornavam do mar, e passou a ser um passatempo para as pessoas. O fato é que se considerarmos o surfe, e toda a cultura que gira em torno dele, a relação com a Polinésia, principalmente com o arquipélago havaiano, é inquestionável. O surfe já passou por diversos momentos de glória e decadência, chegou quase ao desaparecimento, mas ressurgiu e hoje em dia é o esporte náutico mais praticado no mundo. Movimenta grandes quantidades de dinheiro com roupas, equipamentos, acessórios, feiras e eventos que tenham o surfe como tema. O surfe talvez tenha tantos adeptos porque é uma atividade física com baixa probabilidade de lesão e conta com os benefícios de uma atividade aeróbica, mas também utiliza valências como força, equilíbrio, agilidade, e outras. Além dos benefícios físicos o surfe proporciona também uma série de emoções que os indivíduos de sociedades avançadas foram reprimindo ao longo da vida. Sentir o coração bater mais forte, a adrenalina correr pelo corpo, medo, angústia, prazer, felicidade entre outras, são emoções autocontroladas, pois não é em qualquer lugar que podemos extravazá-las, nossa sociedade não permite o descontrole de nossas emoções, salvo em alguns casos. Um desses casos são as atividades de lazer, e o surfe é uma dessas atividades que proporciona tais emoções

Palavras-chave: Surfe; emoções; lazer.

SUMÁRIO

RESUMO	<i>iii</i>
LISTA DE FIGURAS	<i>v</i>
1.0 INTRODUÇÃO	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	2
1.3 OBJETIVOS.....	3
1.4 HIPÓTESES.....	3
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 HISTÓRICO DO SURFE.....	4
2.1.1 O Surfe.....	12
2.1.1 O surfista.....	14
2.1.3 O surfe nos dias de hoje.....	15
2.2. LAZER E EMOÇÕES POR ELIAS E DUNNING.....	17
2.2.1 O surfe como atividade de lazer.....	23
3.0 METODOLOGIA	28
4.0 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
FIGURAS	33

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: TRIÂNGULO POLINÉSIO.....	33
FIGURA 2: DUKE KAHANAMOKU.....	34
FIGURA 3: PIRATA.....	35

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O surfe é uma prática que existe há muito tempo. Segundo Gutemberg (1989), os escritos mais antigos sobre o surfe datam de 1500 anos atrás. Ninguém sabe ao certo como tudo começou, mas a verdade é que alguém decidiu que podia se divertir descendo ondas em cima de tábuas.

Apesar de existir há muito tempo, o surfe só começou a ser difundido pelo mundo a partir do início do século XX, principalmente pelo príncipe havaiano Duke Paoa Kahanamoku, que foi medalhista olímpico de natação e usou seu prestígio para divulgar o surfe pelo mundo.

Esse esporte, hoje em dia é um dos mais populares do Planeta. “Na Austrália, o surfe encontra-se entre as modalidades desportivas mais praticadas no verão e no inverno” (FARIAS, 2000, p. 16-17).

O surfe está presente nos cinco continentes e já é comentada a sua inclusão nos jogos olímpicos. Livros sobre surfistas famosos como Kelly Slater e Eddie Aikau, e outros tendo o surfe como tema, são agora encontrados mais facilmente em livrarias. Filmes de surfe, como por exemplo “Blue Crush – A onda dos sonhos”, ou os nacionais “Surf Adventures” e “Fábio Fabuloso”, após um longo período, voltam a serem exibidos em telas de cinema. Os equipamentos estão evoluindo e permitindo ao homem surfar ondas gigantescas no meio do oceano. Segundo Kenski (2004), o shaper (pessoa que fabrica a prancha) britânico Jools Matthews criou uma prancha capaz de acessar a internet, por enquanto só checando e-mails, porém a ideia do inventor é que seja possível transmitir imagens ao vivo.

Neste estudo tentaremos mostrar que uma das razões para o crescimento desta prática esportiva é a busca do ser humano, principalmente das sociedades mais industrializadas, por emoções e sentimentos que dificilmente eles teriam na vida cotidiana.

Se compararmos as sociedades menos desenvolvidas com as sociedades industriais mais avançadas, verificamos nessas últimas, um menor número de situações críticas sérias que originam comportamentos de emoção nos indivíduos. Nessas sociedades aumentou-se o controle e o autodomínio da emoção exagerada,

fazendo com que pessoas que se comportem de maneira bastante exaltada sejam vistas com maus olhos, podendo ser conduzidas a hospitais e prisões (ELIAS, 1985).

Enquanto emoções extremas são reprimidas quando inseridas em situações consideradas sérias pela sociedade, essas emoções são autorizadas em ocupações ditas de lazer. Fazendo com que, nas atividades de lazer, o ser humano busque essas emoções.

1.2 JUSTIFICATIVA

O surfe é uma atividade física onde o ser humano, o implemento (prancha) e o ambiente devem estar em harmonia. O ser humano surfista deve ter um bom equilíbrio, força, coordenação, agilidade, resistência entre outras valências físicas. Deve ter conhecimentos científicos sobre os oceanos e as pranchas que usa, e possuir um estado mental que possibilite a harmonia com o mar e as ondas. (FARIAS, 2000).

Então a prática do surfe não envolve apenas a parte física do atleta, ela envolve fatores que extrapolam o corpo humano físico, envolvem emoções e sentimentos novos que muitas pessoas, por mais idade cronológica que tenham, ainda não vivenciaram.

Estar com o corpo banhado em água, e toda esta água estar em movimento ao seu redor, obrigando o surfista a entrar em harmonia com toda essa dinâmica aquática produz uma gama de sentimentos que não se experimenta todo dia. Isto produz nas pessoas interesse, medo e até repulsa sobre essa prática esportiva.

Mesmo sendo praticado por um grande número de pessoas, poucas conseguem sobreviver financeiramente apenas do surfe. Os meios de comunicação não especializados no esporte, embora falem de surfe muito mais do que em anos anteriores, ainda não fazem matérias realmente elucidativas sobre o esporte, deixando sempre para lembrar do surfe quando algo de extraordinário acontece (ataque de tubarão, a maior onda surfada, prancha recheada com drogas, entre outros).

Assim sendo, tornam-se necessários mais estudos sobre esse esporte, para que ele cresça e mais pessoas possam investir em atletas e campeonatos, tornado

assim o surfe um esporte tão respeitado quanto o futebol ou o vôlei. Assim poderemos observar mais pessoas encontrando emoções diferentes àquelas que estão acostumadas.

Desse modo justificamos o presente estudo, pois ele irá nos mostrar como o mundo atual priva o ser humano de certas tensões e emoções e como o surfe pode ajudar as pessoas a suprir essa necessidade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 demonstrar, através de uma revisão de literatura, a busca de emoções através do lazer e mostrar que a pratica do surfe pode ajudar nessa busca.

1.3.2 Contribuir com material escrito sobre o esporte, ajudando a sua divulgação e crescimento.

1.4 HIPÓTESES

1.4.1 O ser humano, em seu tempo de lazer tende a buscar sentimentos diferentes dos quais ele está habituado.

1.4.2 O surfe é uma prática que pode ajudar o ser humano a encontrar a emoções.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRICO DO SURFE

Para Souza (2004), a história do surfe não é linear, a imprecisão histórica é grande e há quem acredite que o surfe já existe a mais de mil anos.

Kampion e Brown citados por Lopes (2003) atribuem a origem do surfe aos habitantes da Ilha de Uros, no Peru. Estes, há 450 anos, desafiavam o mar em balsas feitas com um tipo de palha, chamada totora, que seriam as ancestrais da prancha, pois os pescadores ficavam em pé em cima delas e as direcionavam com o remo para a praia.

Existe a possibilidade de o surfe, como conhecemos hoje, ter sido inventado no litoral norte do Peru. Mas a teoria mais aceita pelos historiadores é a de que o surfe se originou nas ilhas do pacífico sul, mais precisamente no Tahiti (KOJIN, 2005).

Árias (2002) afirma que se considerarmos o surfe na sua mais pura concepção, isto é, o ato de deslizar sobre as ondas, ninguém sabe ao certo onde ele se originou. Algumas teorias levam à África ocidental, outras ainda (reforçando o que dizem Kampion e Brown), remetem à costa norte do Peru, onde por muitos anos nativos deslizavam sobre as ondas utilizando embarcações feitas de fibra de junco, conhecidas com *caballos de totora*. Agora, se falarmos de surfe/cultura, torna-se inquestionável a ligação do surfe com os polinésios.

Polinésia significa, literalmente, muitas ilhas. Essa região fica no Oceano Pacífico e é delimitada pelo arquipélago havaiano ao norte, a ilha de Rapa Nui (ilha de Páscoa), situada a sudeste, e a Nova Zelândia a sudoeste (figura 1). Como o ser humano, numa época de pouquíssima tecnologia, conseguiu alcançar essas ilhas tão remotas, é um dos maiores enigmas antropológicos do nosso tempo (ÁRIAS, 2002).

Os polinésios eram um povo do mar. Mesmo sem bússolas, sem compassos e sem grandes naus, eles realizavam grandes navegações pelo maior oceano do mundo, o que bateu de frente com a arrogância européia que se gabava de possuir o mais alto conhecimento da humanidade e por muitos anos consideraram os polinésios um povo sem capacidade para tais navegações. Com essas navegações

os polinésios se espalharam por todas aquelas ilhas. Logo, foi graças às enormes habilidades marítimas desses destemidos viajantes que, há mais ou menos 3.500 anos atrás, o povo polinésio começou a sua história de amor com as ondas, com os ventos e com as correntes marítimas desse enorme Oceano Pacífico. Nesse período é provável que tenha nascido o surfe, uma volta dos polinésios para o mar, dessa vez não com o intuito de migrar, mas sim o de brincar, divertir-se, retornar às origens (ÁRIAS, 2002).

Gutemberg (1989) conta que o rei Moikeha, do Taiti, foi o primeiro a chegar no arquipélago havaiano. Poucos relatos e algumas canções dizem que este rei era ambicioso, aventureiro e surfista. Depois de passar por algumas ilhas, fixou residência em Kauai, onde casou-se com as filhas do rei local, teve filhos e contou essa história a eles, para que eles a passassem adiante.

O surfe é o presente do Havaí para o mundo. Existem evidências que mostram que antes do homem branco chegar ao Havaí, lá já se pegava onda. Deslizar pelas ondas usando uma pequenina prancha de madeira já era parte da rotina da grande maioria dos ilhéus da Polinésia. Os havaianos tomaram esse antigo hábito, desenvolveram pranchas enormes, refinaram-se na arte do *shape* (formato da prancha), criaram novas técnicas e elevaram o surfe ao mais alto patamar dentro de sua cultura (ÁRIAS, 2002).

Lemos (2005) diz que “se o surfe não foi inventado no Havaí, foi por pouco”.

As diferenças entre os havaianos e os demais povos da Polinésia estão nas pessoas que praticavam o surfe, no material utilizados por esses surfistas e no modo como eles surfavam. Na maioria das ilhas do oeste polinésio o surfe era um passatempo, uma brincadeira de crianças como o esconde – esconde ou a amarelinha dos tempos de hoje. Era praticado principalmente por crianças e, na maioria das vezes, do sexo masculino. Já nas Ilhas Marquesas, no Taiti, nas Ilhas Sociedade, Ilhas Cook, Rapa Nui, Havaí e Aetearoa, o surfe era praticado por homens, mulheres e crianças de todas as idades (ÁRIAS, 2002).

O tamanho da prancha e o modo de surfar estão interligados, cada prancha possibilita e/ou proporciona diferentes formas de surfar, pois eram impostas regras para a prática do surfe: Somente o rei e a rainha poderiam deslizar de pé sobre as ondas, o povo deveria deslizar deitado. A prática era uma forma de afirmação da reputação dos membros da nobreza, essa classe possuía cânticos, fabricantes de

pranchas, madeiras e praias próprias e reservadas para eles desfrutarem do surfe. Surfear gerava status e respeito, bons surfistas eram exaltados em canções e freqüentemente usufruíam de privilégios perante a nobreza (PETRI 2003).

Os povos polinésios eram bem ecléticos na escolha do material para fabricar as pranchas. Qualquer coisa que boiasse podia ser utilizada. Mas existiam duas principais linhagens de prancha: os paipos (bodyboards) que possibilitavam apenas o surfe deitado e as pranchas maiores que proporcionavam o surfe de pé (ÁRIAS, 2002).

Os havaianos possuíam verdadeiras pranchas de surfe, elas tinham boa fluabilidade e proporcionavam todos os tipos de surfe (em pé, deitado, sentado e de joelhos). No Havaí foram identificadas, basicamente, três tipos de prancha: as paipos, as alaias e as olos. As paipos, assim como no resto da Polinésia, eram utilizadas para o surfe deitado e todos da comunidade utilizavam. As alaias eram maiores (entre 7 e 12 pés de comprimento, 18 polegadas de largura e entre 0,5 e 1,5 polegada de espessura) e utilizadas tanto pela plebe como pela realeza, eram as preferidas para o surfe em ondas grandes e cavadas. As olos eram muito maiores, mais pesadas e, proporcionalmente mais estreitas que as alaias (algo em torno de 24 pés de altura, 17 polegadas de largura e 6 polegadas de espessura, chegavam a pesar 50 quilos), eram destinadas apenas para a realeza (ÁRIAS, 2002).

No Havaí, a impressão era de que o surfe era uma festa. Era algo religioso-esportivo-político-cultural. Existiam competições, festivais e mesmo lutas mortais por causa do surfe (GUTEMBERG, 1989).

Embora o surfe não fosse um ato religioso, sua prática estava atrelada aos deuses e aos espíritos da natureza. Todo o ritual iniciava na escolha da árvore para fabricar a prancha, depois de escolhida a árvore, um peixe era enterrado em suas raízes em agradecimento aos deuses. A prancha terminada, não tinha utilidade nenhuma se não tivesse ondas, então, para resolver esse problema, eles desenvolveram ritos para “chamá-las”, batiam no oceano com algas e entoavam cânticos chamativos (ÁRIAS, 2002).

Árias (2002, cap. I, p. 17) afirma que: “Os havaianos tinham tantas palavras para designar ondas como os esquimós as têm para designar neve”.

Mas acontece que um dia o homem branco (europeu) chegou às ilhas havaianas. O primeiro foi o capitão inglês James Cook, que no Taiti havia ouvido

cânticos sobre essas ilhas mas não tinha certeza que existiam. Primeiramente batizou-as com o nome de ilhas Sandwich e ficou impressionado com as semelhanças físicas, lingüísticas e culturais desse povo com os taitianos, levando-o a concluir que esse povo havia migrado pelo pacífico e se espalhado por toda a Polinésia. O que Cook não conseguiu desvendar foi como esse povo foi capaz de navegar tanto sem aparelhos de navegação sofisticados que os europeus estavam acostumados a usar, como por exemplo, bússolas, quadrante e sextantes (COLEMAN, 2004).

Ao chegar nas ilhas, o europeu trouxe consigo seu Deus, seu modernismo, suas doenças, seus valores, suas ideologias e todas as suas maldades que espalhavam pelo mundo, no século XVIII, na sua busca insana por terras e domínios (GUTEMBERG, 1989; ÁRIAS, 2002).

No ano de 1848, o rei Kamehameha III foi persuadido por conselheiros não havaianos (haoles) a deixar que as terras fossem divididas e vendidas a particulares, coisa que para os havaianos não existia pois eles não tinham o conceito de propriedade de terra, para eles a terra era sagrada, o povo vivia, usava e cuidava da terra mas ela não era de ninguém. Era como querer o céu e o oceano (COLEMAN, 2004).

Após essa divisão de terras as pessoas mais ricas, ou seja, o povo que não era das ilhas, compraram os terrenos. Assim os havaianos tornaram-se invasores de seu próprio território. Esses, agora donos de terra havaianas, começaram a ter mais influencia sobre a monarquia enquanto queriam a anexação das ilhas à América. Em 1898 as forças anti – monárquicas e pró – anexação, defendidas por 160 fuzileiros navais, lançaram um golpe de estado sem derramamento de sangue, aí estabeleceu-se um governo provisório e mais tarde a república. A última rainha havaiana foi forçada a abdicar seu trono e colocada em prisão domiciliar, suas tentativas de convencer Washington a lhe restituir o reino foram em vão (COLEMAN, 2004).

Para o homem branco, os havaianos levavam uma vida muito preguiçosa, não produziam nada (o que para os europeus era algo inadmissível), além de os surfistas estarem quase todos nus durante a prática do esporte, outra atitude que batia de frente com a cultura européia. Da chegada dos primeiros europeus, em 1778, até as ilhas serem anexadas aos Estados Unidos, em 1989, praticamente

todos os esportes, passatempos e culturas dos havaianos desapareceram. A população reduziu seu número de 400 a 800 mil nativos, antes dos europeus, para apenas 40 mil em 1980, devido principalmente às doenças trazidas pelo homem branco e que eram desconhecidas dos nativos das ilhas (GUTEMBERG, 1989; ÁRIAS, 2002).

Com a chegada dos missionários o surfe foi quase extinto, a prática do surfe era considerada imoral (SOUZA, 2004).

Dessa forma o Havaí foi aberto ao mundo, os estrangeiros (chamados de *haoles* pelos nativos) tomaram conta do arquipélago a ponto de os nativos serem a minoria em suas próprias terras. Existia um grande festival de surfe que parou de acontecer por causa dos brancos. Sem serventia as pranchas de surfe foram usadas para outras coisas, como para fazer carteiras escolares. E como ocorreu em vários países, inclusive com o Brasil, os europeus acabaram com quase tudo o que existia no Havaí para impor o seu modo de vida (ÁRIAS, 2002).

Sobre esse período Coleman (2004, p. 34) afirma ainda que “muitos nativos havaianos tinham vergonha de sua cultura e queriam ser norte – americanizados, com toda fortuna e direitos envolvidos”. Em 1958 o Havaí tornou-se o 50º estado Norte Americano.

Felizmente o surfe não chegou a morrer completamente no Havaí, o que não se pode dizer de outras regiões como o Taiti e Aotearoa. A maioria dos esportes desapareceu do Havaí, entretanto o surfe de alguma forma continuou, não como antigamente, mas continuou, e uma força, talvez vinda da emanção vital dos esquecidos deuses do surfe, o fez ressurgir no início do século XX com força de uma epidemia (ÁRIAS, 2002).

A região de Waikiki, talvez pelo fato de estar próxima ao centro urbano que estava se formando em Honolulu, era o quartel general do surfe, ou do que sobrou dele após a devastação européia. Nesta época alguns *haoles* aprenderam a surfar e, por incrível que pareça, foram eles que deram os primeiros passos para o renascimento do surfe (ÁRIAS, 2002).

Em 1907, George Freech, nascido na Irlanda, principal surfista do Havaí na época e que lutava pela continuidade do esporte; Jack London, um americano aventureiro e Alexander Ford, que organizou o primeiro clube de surfe e canoagem das ilhas havaianas tinham a opinião em comum de que o surfe precisava ser

divulgado, praticado em outros países para não desaparecer. Coincidência ou não, Henry Huntington, americano, proprietário de uma companhia de ferrovias na Califórnia, iria inaugurar em 1907, a rota da costa oeste dos Estados Unidos, entre Los Angeles e Redondo Beach, e, para a festa de inauguração, convidou Freech para demonstrar o esporte, o que ele ficou fazendo até sua morte em 1919. A semente do surfe californiano estava plantada e começou a germinar com grupos de surfistas que se formavam nesta região (GUTEMBERG, 1989).

É importante dizer que antes de Freech, em 1885, três príncipes havaianos, que estudavam na Califórnia, demonstraram esse esporte na região, no entanto, as poucas pessoas que acompanharam não tiveram coragem suficiente de começar a praticar, e o surfe ficou esperando por mais alguns anos até contaminar a Califórnia (ÁRIAS, 2002).

Em 1890, no Havaí nasceu a pessoa que iria realmente divulgar o surfe pelos quatro cantos do mundo. Seu nome era Duke Paoa Kahinu Makoe Hulikohoa Kahanamoku, ou somente, Duke Kahanamoku (figura 2). Segundo relatos era um menino que possuía uma desproporção entre a cabeça, muito grande, e o corpo, muito pequeno, e seus braços eram longos em relação ao corpo. Duke era de uma linhagem que tinha em seu sangue a nobreza havaiana, o que não significou muita coisa pois agora eram os *haoles* que dominavam as ilhas. Então ele e sua turma passavam sérias dificuldades financeiras e sobreviviam dando aulas de surfe e natação em hotéis (ÁRIAS, 2002).

Um certo dia houve um torneio de natação nas ilhas e Duke, incentivado por seus amigos topou participar. Anos mais tarde tornava-se recordista mundial e campeão olímpico de natação nos Jogos Olímpicos de Estocolmo (Suécia), em 1912 e nos Jogos Olímpicos de Antuérpia (Bélgica), em 1920. Um príncipe havaiano, exótico, simpático e enigmático era o nadador mais rápido do planeta! Os olhos do mundo estavam centrados nele, em sua cultura, em sua terra. Ele era convidado a visitar países que nem são banhados pelo mar para participar de festas e homenagens. O surfe agora poderia ter uma chance (ÁRIAS, 2002; GUTEMBERG, 1989).

Duke era apaixonado pelo surfe e, em suas visitas a outros países, começou a fazer demonstrações do esporte. Em 1914 ele plantou a semente do surfe na Austrália, país que mais tarde tornar-se-ia uma grande potência desse esporte.

Centenas de pessoas assistiam a sua demonstração da areia e não acreditavam no que viam (ÁRIAS, 2002).

Após essa demonstração, Coleman (2004, p.70) afirma que “os australianos logo adotaram o surfe como o mais popular passatempo nacional e ergueram monumentos de Duke por todo o país”.

Até essa época, o mundo não tinha idéia do que era o Havaí e muito menos o surfe. Duke fazia questão que o mundo soubesse que ele era um surfista da praia havaiana de Waikiki. Como dizem que Duke amava mais o surfe que a natação e era considerado o melhor surfista da época, ele fez o mundo saber que o surfe é o ato de cavalgar sobre as ondas. (KAMPION e BROWN, citados por LOPES, 2003).

Coleman (2004) escreve que Duke era considerado, tanto por visitantes, como por nativos, como o “rei de Waikiki”, além de nadador olímpico e surfista, era jogador de pólo aquático. Para demonstrar o surfe aos australianos, esculpiu sua prancha com uma placa de madeira de um depósito local, hoje esta prancha é avaliada em mais ou menos um milhão de dólares.

Duke, não parou depois das olimpíadas. Como era descendente da realeza, possuía uma pele escura e um sorriso caloroso, foi escolhido para atuar em alguns filmes geralmente fazendo o papel de um “nobre selvagem”. Foi eleito xerife de Honolulu e manteve esse cargo por 26 anos, ficou conhecido como “o xerife que nunca disparou uma bala”. Acompanhou visitantes ilustres em sua estadia na ilhas. Era admirado pela imprensa, mas nunca perdia a simplicidade (COLEMAN, 2004).

Sobre Duke, Kimo McVay (amigo e empresário de Duke), citado por Coleman (2004, p.71,72), diz:

Minha mãe dizia que ele era o homem mais magnífico que Deus jamais pusera na Terra... Ele colocou o Havaí no mapa, ninguém antes havia ouvido falar sobre o Havaí. Ele era colorido, como um herói, era exatamente o que todos esperavam que um medalhista de ouro olímpico parecesse. Ele era o Havaí... Ele figurava entre os homens mais famosos do mundo.

Duke, ao mesmo tempo que surfava, era salva-vidas e ajudava americanos e europeus que começavam a surfar no Havaí. Ele se tornou amigo de estrelas de Hollywood e levava artistas para surfar em Waikiki. Existem muitas referências a ele

no Havaí, seu nome é homenageado em monumentos, estradas e avenidas (SOUZA, 2004).

Apesar de existirem outros precursores no renascimento do surfe, foi Duke que esteve no lugar certo, na hora certa, teve a atitude correta e soube utilizar do seu prestígio para fazer renascer o surfe e a cultura das ilhas havaianas. (ÁRIAS, 2002).

Duke Kahanamoku morreu em 1968 vítima de um ataque cardíaco (SOUZA, 2004).

Entre a primeira e a segunda guerra mundial, o surfe explodiu na Califórnia, lá as praias eram ideais para a prática desse esporte, e com a popularização do automóvel, ficou mais fácil para os surfistas procurarem ondas melhores. Os surfistas eram jovens e passavam o dia na praia (SOUZA, 2004).

Através de tentativas e erros com os mais diferentes materiais, aliado à criatividade e coragem dos surfistas, os equipamentos e, obviamente o surfe, começaram a se aperfeiçoar e a se espalhar pelos quatro cantos do mundo, tornando-se um esporte muito popular (SOUZA, 2004).

Em 1937 o surfe foi introduzido na Europa através do inglês Jimmy Dix. Também na década de 30, Tom Blake diminuiu o tamanho das pranchas e passou a fabricá-las ocas, deixando-as muito mais leves e manobráveis. Testou-se também a colocação de uma quilha para dar maior estabilidade, novidade que foi logo aceita pela comunidade do surfe. Na década de 40 começou-se a utilizar a fibra de vidro na fabricação das pranchas, isso tornou-as mais fáceis de carregar e ainda mais leves. Começou aí a explosão do surfe nos Estados Unidos, principalmente na Califórnia (PETRI, 2003).

Em 1956 o surfe na Austrália tem uma nova explosão com o time de natação norte americano levando as pranchas de fibra para a terra dos cangurus. Em 57 o surfe ganha a Europa, mais precisamente a França, onde o roteirista de Hollywood Peter Viertel foi realizar algumas filmagens e se encantou pelas ondas. Neste mesmo ano é iniciado o uso da espuma de poliuretano evoluindo ainda mais as pranchas (PETRI, 2003).

Na década de 60, surge na Austrália as minimodels, isto é, pranchas do tamanho das atuais que permitem grande velocidade e manobras, possibilitando assim o homem a surfar ondas antes inimagináveis. A partir daí, o surfe ganha o

mundo e torna-se um dos esportes mais praticados nos quatro cantos do planeta. Surgem as competições com boas premiações e o surfe agora é um esporte organizado regido pela ASP (sigla em inglês de Associação dos surfistas profissionais), que cuida do circuito mundial (WCT) e outras competições de surfe (PETRI, 2003).

2.1.1 O Surfe

Basicamente o surfe é a arte e destreza de deslizar sobre as ondas do mar. As formas surfe reconhecidas pela ISA (Internacional Surfing Association), órgão que administra o esporte são: o surfboard, o mais conhecido, na posição em pé e prancha pequena; o longboard, surfe de pé mas em pranchas grandes, do tamanho da antigas; skimboard, praticado com uma prancha pequena na beirada das praias; bodyboard, surfe deitado; kneeboard, surfe de joelho e o bodysurf, surfe de peito, sem prancha (BITTENCOURT, AMORIM, VIGNE, NAVARRO, 2005)

O surfe é um esporte aquático de ação individual, originário na Polinésia, praticado atualmente com uma prancha especial de poliuretano e fibra, para o deslizamento sobre as ondas que desafiam, basicamente, a coragem e destreza de seus amantes. Podemos entendê-lo como um esporte onde o binômio homem-prancha consegue equilíbrio e flutuação suficientes para as manobras de subidas, curvas e descidas nas ondas do mar. mais do que uma prova de habilidades e resistência, é um desafio à capacidade humana de comandar seus movimentos em busca do prazer, no que parece indomável (SILVA, 1984, p. 17).

O surfe é considerado um esporte radical. Para Uvinha (2001), esportes radicais têm em comum o gosto pela aventura e pelo risco, contanto ainda com propostas de engajamento ecológico.

Esse esporte tem a característica de ser uma atividade em que o praticante está sempre dentro de um equilíbrio dinâmico. Apoiado sobre a prancha, e deslizando sobre uma superfície móvel que sofre constantes alterações (onda), deve-se realizar movimentos mudando constantemente o centro de gravidade do conjunto surfista/prancha (PETRI, 2003).

A expressão surfe, originalmente, denomina a ressaca do mar. No âmbito dos pescadores, nativos litorâneos ou insulares, é caracterizado como correr ou descer uma onda. No meio dos jovens aventureiros, é um desbravar de recantos e points (locais) favoráveis a prática de descer ondas. Na forma desportiva, é o meio pelo qual o atleta deve descer – dropar – uma onda, equilibrado sobre um implemento denominado de prancha, com ou sem manobras, na sua extensão ou percurso (FARIAS, 2000).

Segundo Gutemberg (1989, p. 13), “o surfe é o esporte de andar sobre a face das ondas em direção à praia, especialmente se for sobre uma prancha”. De acordo com essa definição, entendemos que o surfe pode ser praticado também com canoas, caiaques, diferentes tipos de prancha ou até mesmo sem o auxílio de nenhum implemento – surfe de peito.

Parece simples mas, de acordo com Farias (2000), para surfar é necessário antes, conseguir adotar a posição de equilíbrio deitado e sentado na prancha para esperar a onda. É necessário saber remar, furar a onda (joelhinho ou peixinho), sentar para esperar a ondulação, deitar para remar e entrar na onda no lugar e momento certo e, finalmente, ficar em pé na prancha para dropar (descer a onda) e surfar.

Devemos ainda considerar a dificuldade que envolve o ato de ficar em pé sobre uma superfície móvel (a prancha), em cima de uma superfície ainda mais agitada (a onda) (GUTEMBERG, 1989).

Para Souza (2004, p.58) “O surfe é um estado de espírito e uma filosofia de vida”.

2.1.2 O surfista

Mesmo a sociedade impondo modelos (muitas vezes negativos) de como são os surfistas, essa tribo resiste bravamente e nos últimos anos têm mostrado que o senso comum a respeito do surfe não está totalmente certo.

No mundo eles são milhões, a maioria amadores, todos com o pensamento de fazerem o que gostam (GUTEMBERG, 1989).

Ao trocar as areias pela prancha e dirigir-se para a rebentação (local onde quebram as ondas), o indivíduo deixa de ser um passivo tomador de sol e passa a ser um ativo praticante de surfe, um surfista (Farias, 2000).

Os surfistas são atletas excepcionais. O talento, a habilidade e a energia desprendida pelo surfista ao manobrar sua prancha em cima de uma onda faz com que ele seja reconhecido como um artista do mesmo nível de um Maradona, que pela perfeição de seu futebol chega a afrontar os deuses dos estádios. O surfista possui a agressividade quase violenta de um jogador de vôlei, como o Renan numa cortada indefensável. Ou mesmo o calculismo vencedor, o arrojo e a determinação de um Ayrton Senna (GUTEMBERG, 1989).

Essa confraria que reúne homens e mulheres, jovens e velhos em países dos cinco continentes, possui um sentimento exclusivo, muitas vezes egocêntrico. São criaturas da terra que vivem conectadas com o mar. Já foram chamados de uma tribo nômade, o que pode ser verdade. Outros explicam que os surfistas vivem num mundo espiritual diferente. Podemos afirmar, que o surfista causa nas outras pessoas inveja, alegria, vibração, medo e acima de tudo curiosidade, pois ele realiza manobras sobre uma prancha em movimento em cima de uma onda, que também está em movimento. Poucos esportes exigem um grau de dificuldade tão grande para ser praticado (GUTEMBERG, 1989).

A verdade é que surfistas têm descido ondas por muitos anos. Neste final de milênio o surfe tornou-se um esporte organizado. O surfista agora é sofisticado, os bons profissionais são ricos. Alguns poucos ainda têm nas veias os sentimentos dos antigos polinésios. A maioria mantêm em seu sangue o amor pela liberdade e o contato com a natureza, sem nunca se esquecer que pertence a uma fraternidade ainda ignorada pelos fazedores de leis do planeta. Alguns deles desafiam os oceanos, outros tentam manter um espírito de igualdade e harmonia com o mar. (GUTEMBERG, 1989).

Existem também aqueles que se sentem surfistas pelo astral, pelas roupas, pela maneira de falar, pelo estilo de vida e lugares que costuma freqüentar, mas nunca tentou ficar de pé em uma prancha. São surfistas de imaginação (SOUZA, 2004).

Hoje já existem mais investimento nos surfistas. Embora não seja o ideal, alguns surfistas profissionais (ainda que uma parcela bem reduzida) já conseguem

viver bem financeiramente só do surfe, além de ganharem um bom salário e bons prêmios, possuem ainda a vantagem de serem amigos de seus patrões, viajam juntos, surfam juntos e não estão rodeados por políticos e cartolas esportivos, tecnocratas e pessoas do gênero que buscam apenas promoção pessoal e visam seus próprios interesses (GUTEMBERG, 1989).

2.1.3 O surfe nos dias de hoje

Embora não pareça, hoje em dia o surfe é um esporte muito popular. É o esporte náutico mais praticado no mundo, com o número de praticantes ocasionais na ordem de 17 milhões, distribuídos em 70 países (BITTENCOURT, AMORIM, VIGNE, NAVARRO, 2005).

O surfe é dividido em duas práticas: o surfe competição (esporte), com regras, adversários, regulamentos, ranking e tudo mais que um esporte possui; e o *freesurf*, ou seja, surfe livre, o surfe como atividade de lazer, que trataremos no próximo capítulo. Entre essas duas práticas existe ainda o amadorismo, que são surfistas que competem, mas não como modo de ganhar a vida.

Como esporte, as principais competições de surfe em escala mundial são: o WCT (elite do surfe) aonde participam apenas os 44 melhores do mundo e o WQS (segunda divisão ou divisão de acesso) onde mais surfistas podem participar e os primeiros colocados são promovidos ao WCT. Mundialmente ainda existem competições de categorias menores (Juniões, juvenil, etc) e qual o surfista que pega a maior onda. Existem ainda os campeonatos regionais e competições de melhor manobra, aéreo mais alto, entre outras.

Se o indivíduo tem no esporte a forma de trabalho e de ganhar a vida, ELIAS diz que esta atividade deixa de ser diversão e lazer, implicando em todas as restrições, obrigações, responsabilidades e cobranças de uma atividade de trabalho, mesmo que essa atividade seja considerada lazer pela maioria da população, pois é uma atividade em que as pessoas comum sentem prazer justamente por não terem obrigação e responsabilidade com o evento.

O surfe é um grande negócio nos dias atuais, as multinacionais que trabalham com surfe, faturam muito dinheiro, a fabricação de roupas de surfwear cresce a cada dia, no Brasil, por exemplo:

De acordo com os dados da Associação Brasileira da Indústria têxtil (ABIT), o segmento da surfwear foi responsável, em média, por 10% das vendas do setor nos últimos anos. Isso significa 2 bilhões de dólares gerados por nós! 140 mil pessoas empregadas! Sendo que o Brasil ainda detém 15% do mercado mundial! Esse é o nosso surf... (ÁRIAS 2002, cap. v, p. 16).

Existem mais de 60 publicações sobre surfe e bodyboarding no mundo, Apenas da revista Fluir (principal revista de surfe do país) a tiragem mensal média é de 55 mil exemplares e 423 mil leitores. No Brasil, em 1998, a feira do surfe atraiu 60 mil pessoas e movimentou cerca de 120 milhões de reais. No mesmo ano, nos Estados Unidos foi consumido 1 bilhão de dólares em roupas, óculos e acessórios com a imagem ligada ao surfe (BITTENCOURT, AMORIM, VIGNE, NAVARRO, 2005).

Basta observar as pessoas na rua e verificar que mesmo quem nunca pegou numa prancha, gosta de se vestir com roupas aonde apareçam estampas de ondas, paisagens, pranchas ou algo ligado ao surfe.

Árias (2002) escreve sobre o surfe contemporâneo, citando fatos como; a invenção do tow-in (surfe rebocado por jet-skis) possibilitando surfar ondas nunca imaginadas, de 15, 20 metros de altura, manobras cada vez mais malucas e radicais que são observadas nos campeonatos mundo afora. O surfe agora é disciplina no currículo de escolas e universidades, até com pós graduação em esportes com prancha (Unipran em Santos, SP). O estereótipo do vagabundo está caindo por terra. Surfistas de elite têm fama e uma conta bancária bem recheada. Além disso os campeonatos estão bem organizados e com grande patrocínio, atraindo, conseqüentemente um grande número de espectadores e admiradores do esporte. Escolinhas estão surgindo em vários cantos do mundo, produzindo mais surfistas.

Todos esses acontecimentos mostram que o surfe é um esporte muito popular nos dias de hoje, embora seja tratado com certo preconceito por parte das pessoas e não exista um grande número de estudos publicados sobre o surfe, quando comparado com esportes como o futebol, voleibol, natação ou atletismo.

2.2 LAZER E EMOÇÕES POR ELIAS E DUNNING

No livro “A Busca da Excitação”, Elias e Dunning, mostram que a partir do Século XVI o domínio da conduta e da sensibilidade tornou-se mais acentuado. Marchi (2004, p.55) diz que “ao longo da história humana, ocorre a padronização do comportamento e sob certos aspectos as pessoas reprimiam suas emoções”. Na corte francesa, particularmente do século XVII “a aprendizagem das competências técnicas altamente especializadas do cortesão e a aquisição dos hábitos sociais do homem de corte eram exigência indispensáveis”. Aconteceu que a turbulência do século XVI deu lugar a um período de pacividade interna no século XVII, ou seja, as pessoas passaram a controlar suas emoções.

Betti (1998) complementa mostrando que nessa época é estabelecida a distinção entre público e privado. Funções corporais e sexuais ainda expressas publicamente, são levadas para o âmbito da casa e da família somente. O comportamento das pessoas tornam-se cada vez mais uniformes e generalizados. Surgem padrões de etiquetas, higiene, controle de agressividade, proibições, tabus, e outros, que reproduzem-se no indivíduo como forma de autocontrole.

Nas sociedades avançadas e complexas do nosso tempo (aonde um indivíduo pode participar de várias teias de interdependência ao mesmo tempo) a sobrevivência social e o sucesso estão ligados a capacidade das pessoas em vestirem uma armadura, nem muito frágil, nem muito forte de controle de suas emoções.

Como essas emoções, impulsos e tensões são controladas, os indivíduos tendem a viver próximo a uma condição de monotonia. O desenvolvimento do autocontrole torna-se condição básica para viver em sociedade. Sentir emoções nas sociedades complexas passa a ser uma necessidade básica como fome, sede, sexo, entre outras (CAVICHIOILLI, 2004).

Nessas sociedades não há espaço para demonstrar emoções muito fortes, são menos freqüentes as situações críticas sérias que originam comportamentos de emoção nos indivíduos. Aumentou-se o controle social e o controle próprio de emoções exageradas. E explosões incontroladas, ou incontroláveis excitações coletivas tornaram-se menos freqüentes. Sujeitos que agem de forma bastante explosiva podem acabar num hospital, num hospício ou em uma prisão. Situações de grande excitação por parte de pessoas são consideradas anormais, e, no caso de multidões, como um estopim para violência (ELIAS; DUNNING, 1992).

Em sociedades guerreiras, o indivíduo, se tivesse condição, poderia utilizar de violência para conseguir o que queria, poderia satisfazer suas vontades abertamente e em situações que depois seriam proibidas. Não controlava suas emoções e, era sim, controlado por elas. Quando as sociedades começaram a ganhar complexidade nas relações entre seus indivíduos, a restrição das condutas deixou que as pessoas tivessem menos possibilidade de satisfazer seus anseios e paixões. A vida se tornou menos perigosa, mas também menos emocional ou agradável, pelo menos no que diz respeito à satisfação direta do prazer (ELIAS, 1993).

Cavichioli (2004), lembra que os adultos não costumam demonstrar seus sentimentos, na verdade o grau emocional pode se elevar, mas nenhum músculo é movido e nenhum movimento mais abrupto é feito. No processo de aprendizagem dos seres humanos as restrições são aprendidas e incorporadas gradativamente, assim a auto restrição de revelar sentimentos vai se tornando automática.

Elias e Dunning escrevem ainda que apenas as crianças não são censuradas ou taxadas de anormais se agem com alto grau de excitação, seja chorando, gritando, soluçando publicamente ou abraçando, talvez mordendo, um colega por gostar ou não dele. Essas situações não são permitidas aos adultos, pois serão considerados como pessoas descontroladas, sem educação ou até mesmo anormais. Dançar, pular, extravasar emoções, somente em locais apropriados, fora destes, serão taxados como ridículos.

Os autores ainda colocam que:

Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com frequência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação. Em geral, aprenderam-se a não se expor demasiado (p.103).

Explosões de emoções fortes e apaixonadas foram amortecidas por nossa sociedade, essas restrições estão tão embutidas em nosso mundo de forma tão profunda que não podem ser abaladas. A maior e mais excitante descoberta de nossa vida, a descoberta do sexo oposto, através do amor, é regulada para acontecer apenas uma vez na vida das pessoas. Talvez a grande aceitação de filmes, novelas peças teatrais e outras formas de arte que tratem do amor entre um homem e uma mulher não seja apenas explicada pela propensão libidinosa das

pessoas. Essas formas de arte dão a oportunidade da pessoa sentir a excitação única de encontrar a pessoa amada, situação que pode não ocorrer para muitas das pessoas, fazendo com que elas busquem essa paixão de alguma outra forma (ELIAS, DUNNING, 1992).

Betti (1998) dá alguns exemplos de Elias para mostrar como o esporte também está vinculado a esse controle. Um exemplo foi a proibição do “pontapé na canela” tão logo organizou-se a Football Association que regulamentou as regras do futebol e dando a esse esporte padrões de condutas mais civilizados, de acordo com a aristocracia e a burguesia que estava em ascensão na época. Outro exemplo é o boxe, que das brigas de rua tornou-se um esporte com regras, luvas e divisão de atletas em categorias para prevenir lesões graves aos lutadores. Assim o esporte começa a tornar-se um exercício de competição que elimina, tanto quanto possível, ações violentas que possam causar danos aos competidores.

Assim as sociedades modernas desejam do indivíduo um autocontrole uniforme e estável, nem fraco demais, nem forte demais. Entretanto o prazer dos impulsos de um lado, e o autocontrole do outro, entram em conflito dentro das pessoas e, algumas vezes, para não causar danos nos outros, causa-se danos a si próprio (BETTI, 1998).

Elias e Dunning dizem que infelizmente essa contenção de sentimentos e emoções por parte das pessoas é um fator de origem para outras tensões, gerando assim um ciclo vicioso a maioria das sociedades humanas. Então essas sociedades desenvolvem formas para combater as tensões e estresses criados por ela própria. Essas formas seriam as atividades de lazer.

Quando a nobresa começou a evoluir para tornar-se cortesã, ela leu novelas sobre cavalarias, a violência e erotismo, a que os burgueses estavam acostumados, são vivenciados agora em filmes (ELIAS, 1993).

O que há de mais característico nas atividades de lazer é a possibilidade de experimentar em público fortes emoções, podendo fornecer aos indivíduos excitações coletivas diferentes das excitações sérias da vida cotidiana. A música, o teatro, o esporte e outras atividades de lazer representam uma interrupção “moderada” das restrições. As atividades de lazer possibilitam tensões e sentimentos, principalmente em uma esfera imaginária contrastando sentimento aparentemente opostos como medo e prazer, tristeza e alegria entre outros

(CAVICHIOILLI, 2004).

Segundo Elias e Dunning (1992), não podemos considerar todo o nosso tempo livre como lazer, só por isso a divisão trabalho/lazer é inadequada. Para eles, lazer nada mais é do que uma das categorias de tempo livre. De acordo com os atuais usos lingüísticos, tempo livre é todo tempo liberto das ocupações de trabalho, e trabalho é o que as pessoas executam como modo de ganhar a vida.

Eles dividem, preliminarmente, o tempo livre em cinco categorias:

1. *Trabalho privado e administração familiar* – atividades da família incluindo a própria provisão da casa, transações financeiras pessoais, planos para o futuro, orientação dos filhos, etc. são atividades que tem de ser feitas quer queira, quer não, goste ou não goste. Dificilmente poderemos chamar-lhe lazer.
2. *Repouso* – ficar sentado, fumar, não fazer nada, dormir. Podem ser consideradas atividades de lazer, mas são bem diferentes das da classe mimética, que apresentaremos mais a diante.
3. *Provimento das necessidades biológicas* – comer, beber, defecar, fazer amor, etc. Estão acabam sendo uma rotina, pois irão acontecer de novo depois de satisfeitas. Podem tornar-se uma atividade mimética quando feita de forma a fugir da rotina, como por exemplo, comer em um restaurante novo.
4. *Sociabilidade* – visitar colegas, sair em excursão com a firma, ir a um bar, conversar com vizinhos e amigos, estar com outras pessoas sem fazer nada demais.
5. *Categoria das atividades mimética ou jogo* – atividades de lazer como ir a um teatro, cinema, jogo, dançar, ver televisão, praticar montanhismo. São atividades de lazer, quer seja como espectador ou participante, desde que não se participe como uma ocupação especializada como forma de ganhar a vida, pois aí seriam atividades de trabalho.

É com as atividades de lazer, principalmente com as da categoria mimética que estamos nos preocupando. O termo mimético refere-se a fatos e experiências de lazer. Seu sentido literal é imitação, mas, desde a antigüidade, é usado num sentido mais amplo e figurado. Tem relação com a realidade, quer possuam um caráter de representação ou não.

São nessas atividades que a nossa sociedade satisfaz a necessidade de

experimentar em público a explosão de fortes emoções - um tipo de emoção que não perturba nem coloca em risco a ordem necessária da vida social considerada séria. Elas produzem um descontrole de emoção agradável e controlado.

Enquanto a excitação é bastante reprimida na ocupação daquilo que se encara habitualmente como as atividades sérias da vida – exceto a excitação sexual, que está mais estritamente confinada à privacidade –, muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem seus perigos e riscos (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 70).

As atividades miméticas favorecem o lazer no sentido de que oferecem a quem participa da atividade, seja como atuante ou espectador, tensões, perigos medo, prazer, tristeza, alegria, sensação de fracasso ou a esperança da vitória sem expor a vida séria a um risco real de dar errado, é isso que a expressão mimética indica. Como uma criança que é lançada ao alto pelo pai, ela vive a sensação do medo, mas sabe que está segura pois seu pai está pronto para segurá-la.

Quando a emoção é considerada séria, do tipo não mimética, as pessoas que perdem o auto controle e agem de forma não condizente à esperada pelas outras pessoas, podem ser prejudicadas por isso, podem tornar-se uma ameaça tanto para si própria como para os outros. A excitação mimética é desprovida de perigo e pode ter um efeito catártico. Na medicina um efeito catártico sugere o expulsar de substâncias nocivas do corpo, com a limpeza do corpo por meio de uma purga.

Segundo os autores, Aristóteles já sugeriu isso ao comparar o efeito da música e do drama nas pessoas com o conceito de catarse. Aristóteles sugeriu que algo similar (no sentido figurado) ocorre como efeito de músicas e tragédias. As pessoas podem acalmar-se ou excitar-se ainda mais através da música ou do teatro.

O desporto, segundo os autores, em todas as suas variedades, é sempre uma luta controlada, num quadro imaginário, cujo adversário pode ser uma montanha, o mar (no caso do surfe), um animal (caça) ou mesmo contra outros seres humanos.

Assim as atividades miméticas representam a antítese e o complemento das rotinas formais dos indivíduos que deixam pouco espaço para a excitação e novas emoções. Não são mais que formas de representação de um mundo de fantasia irreal.

As pessoas procuram nas atividades miméticas não o atenuar das tensões, mas sim outras tensões, medos, tristezas, e emoções que não estão mais encontrando na vida diária.

2.2.1 O surfe como atividade de lazer

Como qualquer outra atividade, o surfe oferece um lado perigoso. Embora a prática dessa atividade ofereça aos seus praticantes benefícios físicos e mentais, é importante lembrar que a vontade de pegar onda leva muitos surfistas a passarem horas ininterruptas remando atrás da melhor onda, fazendo com que ocorra sobrecarga nas estruturas do corpo humano, sejam elas musculares, articulares, cardíacas ou respiratórias, entre outras (BABOGHLUIAN, 2002).

Por se tratar de uma atividade praticada, predominantemente, em praias não calmas, com variados tipos de fundo e onde as condições podem mudar repentinamente (maré, vetos, tamanho das ondas, correntezas, etc.), o praticante de surfe, mesmo iniciante deve ter uma boa condição física (PEREIRA, 2003).

A permanência do atleta na água por um longo período, a má alimentação, o mau preparo físico, a hipotermia, afogamentos, intermação, tubarões, água-viva, são alguns fatores que podem determinar acidentes durante a prática do surfe (FARIAS, 2000).

Para Farias (2000, p. 20) “a coluna é uma região singular e especial para os surfistas. É nela que ele sente os movimentos mais rápidos e radicais”. Quem confirma essa declaração é Baboghluian (2002), ele escreve que as lombalgias (dores lombares) são as lesões que mais levam surfistas aos consultórios, pois a posição de remada em cima da prancha é uma posição de estresse (hiperextensão) para toda a coluna.

Além desses problemas, o tamanho das ondas e o fundo do local onde se está surfando (que pode ser de coral, pedra ou areia) também podem causar acidentes, até mesmo fatais (FARIAS, 2000).

Lima (2003) conclui que os acidentes causados pela prancha e materiais adjacentes no surfe são as lesões mais constantes nesse esporte.

É importante ainda lembrar que qualquer esporte coloca o praticante em situações de perigos e lesões, por isso uma prática adequada e bem orientada é

fundamental para acabar, ou pelo menos diminuir a incidência desses acidentes e lesões.

Mas os riscos são poucos, se compararmos com o prazer que o ato de praticar o surfe pode proporcionar. Considera-se o surfe como uma atividade de alto risco, por ser um esporte de aventura, mas isso não é verdade. A realidade é que o surfe tradicional é seguro (STEINMAM, 2003).

De acordo com estudos americanos, que comparam lesões entre o surfe e outros esportes, em um mesmo ano observou-se 9.900 lesões no surfe, contra 38.000 lesões no squash, 137.900, no skate e 1.370.900 no futebol americano. Em um estudo realizado em Santa Catarina, verificou-se que lesões que impossibilitem o praticante de surfar, ou requiseram atenção médica foi de 2,5 para cada 1.000 dias de surfe. Uma incidência muito menor que o pára-quedismo (65,6), o futebol (10 a 35), o rúgby (55) e o esqui na neve (6). Em estudantes americanos, uma pesquisa revelou que o voleibol e a luta livre estão entre os esportes que mais causam lesões (STEINMAM, 2003).

Dr. Steinman (2003, p.41) chega a afirmar que “comparado a outros esportes, a segurança na prática do surfe o torna o esporte que todo pai deveria sonhar para seu filho”.

Em um levantamento feito para a revista VEJA, Barros (1995) coloca o surfe como o 4º melhor esporte para praticar se o objetivo for uma melhoria da condição física geral com pouco risco de lesões. Pois o surfe alia os benefícios da natação de longa duração com as exigências de coordenação. A frente do surfe estariam apenas a natação, o remo e o judo.

Lima (2001, p. 1) escreve que “o surfe exige do indivíduo aptidões físicas específicas, por se tratar de um esporte aquático, que envolve uma série de fatores que o tornam complexo”.

Martão (1989) afirma que a aventura de deslizar de pé sobre as ondas faz maravilhas ao corpo. Para pegar as ondas você deve remar, deixando os braços mais tonificados. Em pé na prancha os joelhos devem estar sempre flexionados, dando força e resistência aos músculos da coxa e pernas. O abdômen ganha força e flexibilidade pois deve agir como ponto de equilíbrio. Soma-se a isso os ganhos de reflexos, agilidade e coordenação motora.

O surfe é um dos esportes mais completos. Possui características de atividade aeróbica e anaeróbica de moderada a alta intensidade. É um esporte com limitado contato físico e risco de colisão. Requer de seu praticante um elevado nível de habilidade neuro-muscular e envolve movimentos dos membros superiores, inferiores, abdome e coluna vertebral. Ao contrário de outros esportes (como o futebol, o vôlei, ou o tênis), favorece o crescimento simétrico e global do corpo (STEINMAN, 2003).

Para a realização das manobras, o praticante do surfe, busca posições mais e menos estáveis durante suas evoluções pela onda. Para isso realiza movimentos corporais muitas vezes amplos, compreendendo flexões e extensões súbitas das articulações de membros superiores, inferiores e também da coluna vertebral, além de movimentos torcionais. Durante o deslocamento no mar através da remada o surfista realiza uma hiperextensão da coluna lombar e cervical, além de movimentos alternados, repetitivos e de grande intensidade (PETRI, 2003).

O surfe é uma atividade moderada e pode ser praticada regularmente. É relaxante, motivante e proporciona um relacionamento direto com a natureza e outras pessoas. Leva seus praticantes a uma preocupação maior com a saúde de seu corpo (KAMPION e BROWN, citado por LOPES, 2003).

Além de oferecer os benefícios de qualquer outra atividade física, o surfe ajuda também no aspecto psicológico das pessoas. É comum surfistas associarem o surfe como forma de deixar a cabeça mais preparada para enfrentar o cotidiano estressante que a sociedade moderna nos impõe. De acordo com Elias E Dunning, buscar uma excitação agradável em uma atividade de lazer mimética.

Em carta endereçada à revista Fluir, Brito (2004, p.36) escreve sobre o que aprendeu com o surfe:

Esperando a série, eu aprendi que a paciência é fundamental para o relacionamento social e para a harmonia espiritual de cada um. Aprendi também a ser mais humilde me contentando com aquelas valinhas do inside. Que outra coisa na vida me ensinaria melhor que precisamos andar para frente senão a onda fecha? Entretanto, o surf também me ensinou que muitas vezes é preciso segurar um pouco os passos para não ficar de fora do canudo. Aprendi de uma forma mágica e encantadora a respeitar o próximo não dropando a onda de ninguém. No campo da matemática, aprendi a calcular quantos arco – íris eu vi, quantos finais de tarde eu surfei, em quantos tubos eu entrei e em quantos eu consegui sair pela boca. Aprendi que realmente, não há nada na vida que um bom dia de surf não cure. Aprendi, que se um dia eu vir a ser estressado, meu consultório será o mar e meu divã, minha prancha. Aprendi surfando as merrecas em dias flat, que precisamos valorizar o pouco, pois o muito é cada vez mais privilégio de poucos. Obrigado meu Deus por ter colocado o surf na linha da minha trajetória.

É comum o surfe ser tratado como uma “espécie de religião”, “algo mágico”, “encontro com Deus”, “estado de espírito” e outras citações por seus praticantes.

Para ilustrar o benefício dos surfe na vida das pessoas, Árias (2002) conta a história de três pessoas. Primeiro a história de um senhor que começou a surfar aos 78 anos de idade, ajudando assim a se livrar de uma depressão decorrente da morte de sua esposa, e também aumentar sua auto estima pois os ele era amado, querido, admirado e respeitado pelos mais jovens como exemplo de vida, tornou-se o “vovô garoto”.

Outra história é a de um deficiente visual que queria surfar e depois de algumas aulas conseguiu, claro que as pessoas que assistiam achavam que ele não surfava nada, mas quando sabiam de sua deficiência ficavam impressionados. Ele não tornou-se um grande surfista, mas pouco importa, ele ficou mais confiante em si mesmo, obteve grande admiração por parte das pessoas e uma gama de experiências sensoriais muito útil em sua vida.

A terceira, e mais famosa, é a história do Pirata (figura 3), um rapaz que teve a perna amputada e continuou surfando, inclusive ondas fortes no Havaí, além de dar aulas e ser “cobaia” para empresas de próteses.

Essas histórias mostram que o surfe é realmente um esporte fascinante. Você pode não ser um excelente surfista, mas basta ser um apaixonado pelo esporte para ter uma vida melhor.

3.0 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho monográfico, foram utilizadas referências bibliográficas relacionadas com os dois temas principais: A busca por emoções e o surfe.

Sobre as emoções o estudo é baseado nos primeiros capítulos do livro de Norbert Elias e Eric Dunning, "A Busca da excitação". Outros trabalhos que envolvem esse assunto também foram utilizados.

No estudo sobre o surfe, foram utilizados livros que contam a história do esporte, biografias de surfistas lendários e livros que tratam sobre o assunto de alguma forma. Também foram utilizadas revistas especializadas em surfe e monografias que tratam do tema.

Após essa revisão de literatura, os dois temas serão relacionados e forma a demonstrar as emoções que o surfe proporciona.

4.0 CONCLUSÃO

Muito mais que uma atividade física para o corpo, o surfe é uma atividade para a mente. Vivenciar o medo (de se jogar em uma onda grande) e logo após sentir o prazer de deslizar sobre ela, são emoções que as pessoas não estão mais acostumados a sentir mas, como vimos na revisão de literatura, precisam delas para viver.

A busca por certas emoções faz com que pessoas, em determinados momentos da vida, esqueçam de seus trabalhos e obrigações para realmente viverem um pouco mais. A falta desses momentos de emoções causa nas pessoas um estresse muito grande e, como vemos nos noticiários todos os dias, cada vez mais essa doença esta acabando com as vidas de pessoas que reprimem demais suas emoções.

O surfe resgata a essência do ser humano que foi deixada de lado pela sociedade que impõe um ritmo frenético de produção e transforma o ser humano em máquina de produzir (LIMA, 2001).

Kampiom e Brown (citados por LOPES, 2003) afirmam que o surfe possibilita momentos de puro êxtase e prazer aos seus praticantes que realmente o praticam de corpo e alma". Este êxtase (segundo os autores pesquisados) é o que está faltando na vida das pessoas. A monotonia criada pela sociedade pede ao indivíduo formas de encontrar emoções, e o surfe é uma dessas formas.

Apenas uma sessão de surfe é o que basta para cansar o corpo e relaxar completamente a cabeça do praticante, deixando ele pronto para aguentar mais uma jornada de trabalho, pois isso ainda é indispensável para podermos sobreviver.

Assim como em um jogo de futebol onde o torcedor é bombardeado por sentimentos (alegres e tristes), o surfe produz emoções para seus praticantes e admiradores.

A vantagem dessas emoções vividas no surfe, no futebol, no teatro e em outras atividades miméticas é que elas não afetam significativamente nossas vidas. Após sentirmos a alegria de vermos nosso time fazer um golaço, ou a tristeza de ter caído da prancha na melhor onda do dia, nosso dia a dia volta ao normal.

O surfe é uma lição para a vida. Ele ensina, entre muitas outras coisas, a termos persistência, para aprender a ficar de pé e passar a rebentação; ensina a

esperar a vez e o momento certo de entrar na onda, tomar decisões e principalmente ensina que somos insignificantes perante a natureza, e por isso devemos valorizar a nossa vida.

Vimos que sentir emoções é tão necessário para nossa vida quanto comer, beber ou dormir. E cair da prancha ficando um bom tempo embaixo da água, achando que não vai conseguir voltar, ou encarar ondas fortes são formas de sentir medo, frustração e, após o susto, alegria, satisfação e até mesmo orgulho por ter superado uma situação difícil.

Então podemos concluir que o surfe realmente proporciona emoções que são necessárias para os seres humanos. Ansiedade, frustração, medo, alegria, prazer, paz e muitos outros sentimentos acontecem de uma forma muito dinâmica em apenas uma sessão de surfe. Suprindo a monotonia da vida cotidiana séria das pessoas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁRIAS, M. **Surf Gênese** – capítulos I, II, V. Parte integrante da revista Alma Surf. São Paulo, ano 2, 8^a, 9^a 12^a de, fevereiro/ março, abril/ outubro de 2002.
- BABOGHLUIAN, M. Ai, minhas costas!. In: **Fluir**, ed. 202, agosto/2002.
- BABOGHLUIAN, M. Trabalhando a cabeça. In: **Fluir**, ed. 201, julho/2002
- BARROS, T, L de. A Lista da Boa Forma. In: **Veja**, v. 28, n. 42 outubro/1995.
- BETTI, M. **A Janela de Vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- BITTENCOURT, V. AMORIM, A. VIGNE, J. A. NAVARRO, P. Surfe/Esportes Radicais, p. 411-415 in: DACOSTA, L. **Atlas do Esporte No Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2003
- BRITO, L. C. Expression Session: Surfando e Aprendendo. In: **Fluir**, ed. 221, março/2004.
- CAVICHIOILLI, F. R. **Abordagens do Lazer no Brasil: Um Olhar Processual**. 2004. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – UNIMEP; Piracicaba .
- COLEMAN, S. T. **Eddie Would Go** – A história de Eddie Aikau, herói havaiano. São Paulo: Gaia, 2004.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**, v 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. **A Busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FARIAS, S. F. **Surf** – Conteúdos para a prática. Florianópolis: Copyflo, 2000.
- GUTEMBERG, A. **A História do Surf no Brasil**. São Paulo: Azul, 1989.
- KENSKI, R. Ciência Maluca: Nas Ondas da Rede. In: **Super Interessante**, ed. 203, agosto/2004.
- KOJIN, A. Lendas e tribos. In: **Fluir**, ed. 240, outubro/2005
- LEMOS, B. Esporte dos Reis. In: **Alma Surf**, ed. 26, março/2005.
- LIMA, F. R. de.. **Diagnóstico das lesões ocasionadas pela prancha e materiais adjacentes no surf**. 2003. 32 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – UFPR; Curitiba.

LIMA, R. A. de. **Relatório de intervenção profissional em surf**. 2001. 34 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – PUC-PR; Curitiba.

LOPES, P. A. **O surf relacionado a qualidade de vida dos moradores do balneário de Ipanema/ Pontal do Paraná/ PR**. 2003. 31 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – UFPR; Curitiba.

MARCHI, K. B. **Atividades físicas de aventura na natureza – uma leitura sociológica a partir dos “jogos mundiais da natureza”**. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UFPR; Curitiba.

MARTÃO, W. O exercício movido a sol e brisa. In: **Boa Forma**, v. 4, n. 11, novembro/1989.

PEREIRA, M. N. **Estudo Comparativo entre a Condição Física dos Surfistas Amadores Paranaenses e Surfistas profissionais**. 2003. 28 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – UFPR; Curitiba.

PETRI, F. C. Surfe e Windsurfe. Capítulo 67, p. 886-896 in: ABDALLA, R. J.; COHEN M. **Lesões nos esportes. Diagnóstico, prevenção e tratamento**. São Paulo: Revinter 2003

UVINHA, R. R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. São Paulo: Manole, 2001

SILVA, M. B. de O. Estudo exploratório dos aspectos desportivos e médicos do surf. In: **Medicina & Saúde**, v.2, n.1, fevereiro/1984.

SOUZA, R. de. **Boas ondas** – Surfando com Rico de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

STEINMAN, S. **Surf e Saúde**. Florianópolis: Tao, 2003

FIGURAS

FIGURA 1: TRIÂNGULO POLINÉSIO.

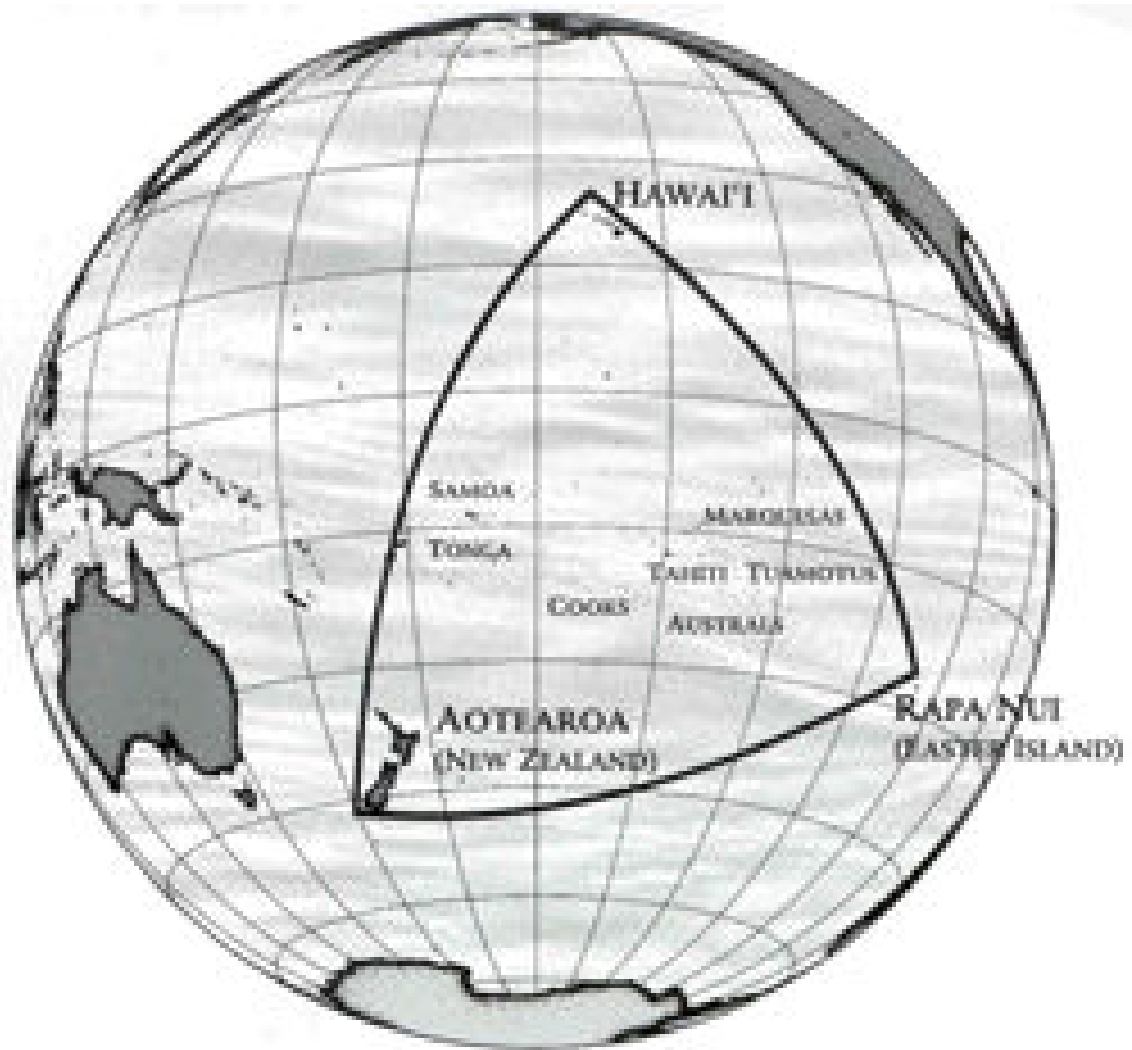


FIGURA 2: DUKE KAHANAMOKU.



FIGURA 3: PIRATA

